

narrativas e poema

NADAVA

Ah... Sávio? Nadava. Exatamente, esse é o tempo verbal correto e esperado: pretérito imperfeito e inacabado, verbo de ação e intransitivo que melhor resumia o meu irmão. O sujeito simples que praticava a ação, contudo, não se tratava de um nadador profissional. Não. Era mais para um nadador terapêutico, por assim dizer. É que era lá, na água, nadando, que eu achava que ele se sentia aliviado, em paz e até feliz, eu diria. Portanto, nadador, sem dúvidas e com muitos álibis e testemunhas, é o termo que melhor o poderia descrever.

Quando éramos crianças, depois de uma aula de ciências da escola, disse que acreditava que já nadava desde quando ainda estava na barriga da mamãe, imaginava-se nadando pelo líquido amniótico, o que, inclusive, soava plausível, tendo em vista que, como nasceu prematuramente, ocupou pouco espaço na barriga, ou seja, havia mais espaço para praticar o nado crawl e borboleta. Tudo bem, talvez fosse exagero, mas o nado cachorrinho, com certeza.

Evidentemente, praticava natação três vezes por semana, em uma escola especializada, desde os dois anos de idade. Nos dias restantes nadava na piscina do condomínio. Ah, de pequeno girino, testemunhei o desenvolvimento do meu amado irmão caçula, que, se era um sapo na aborrecência, tornou-se um príncipe que, além de boa pinta também era inteligente e carismático, ainda que talvez um pouco introvertido demais.

Acompanhei meu irmão em todas as fases. Quando entrou para a faculdade, não tardou que começasse a namorar. No começo, Jéssica, a escolhida, achava uma gracinha essa prática esportiva, que dava ao corpo de Sávio aparência atlética e saudável, porém, com o passar dos anos, começou a se incomodar com o comportamento do Sá. Parecia excessivo, compulsivo até. Ele nadava pela manhã, à tarde e à noite. Não tardou a começar a faltar às aulas da faculdade para nadar. Certa vez ela até chegou a chamar a atenção dele. Eu ouvi, por acaso, quando passava pelo corredor. E o que ele respondeu a ela? Nada! Ele apenas pegou a toalha e desceu em direção à piscina do prédio e nadou por horas a fio. Pobre Jéssica! Lembro-me que nesse dia, como estava de saída, ofereci-lhe uma carona para deixá-la em casa. Conversamos um pouco e, apesar de amar meu irmão, concordei e compreendi o quanto ela se sentia de escanteio naquela relação, eu me solidarizei com seu incômodo. Naquele mesmo dia, quando voltei para casa, horas depois, encontrei o beleza do “sereio” no elevador: “Nadando até agora?”, e o sem-vergonha não disse nada, apenas gargalhou, enquanto esfregava a mão na cabeça, com o cabelo ainda molhado, com clara intenção de me molhar! Palhaço!

Curiosamente, apesar da paixão, nunca participou de campeonatos de natação, não havia objetivo nenhum a curto prazo que justificasse aquele comportamento. Não queria se profissionalizar. Não. Confidenciou-me, certa vez, que não queria ter a obrigação de nadar, ele queria nadar por prazer, estava ali a magia: na inutilidade de sua ação. O que, para mim, convenhamos, era uma pena, pois acharia muito engraçado quando alguém me perguntasse: “O que o seu irmão faz da vida?” adoraria responder “nada!”, só pelo prazer da ambiguidade!

Mas, voltando à historinha de amor, Jéssica via-o cada vez menos, tinha que nadar junto com ele e, vez por outra, insistia para fazer uma máscara de hidratação no cabelo do pestinha, que ficava mais ressecado a cada dia (estou falando do cabelo, no caso). É certo que, por mais que mantivesse a constância dos encontros, ao menos semanalmente, ela sentia que ele se esvaía, pouco a pouco, gota a gota, já que o único interesse de Sávio era a natação. Único. Eu não soube muito bem o que dizer, ela estava corretíssima. As conversas

por telefone que ouvia eram sempre repetitivas e curtas: “Oi, Jé, estou indo para a piscina” ou “Oi, amor, estou saindo da piscina”.

Para falar a verdade, o mano, ainda que mantivesse aquele sorriso simpático aos olhos dos outros, para mim não passava de um sorriso amarelo, falso, que escondia uma profunda melancolia. Eu o percebia cada vez mais triste e desolado. No fundo, eu sentia, afinal, conhecia-o melhor do que ninguém. Mas eram apenas especulações minhas, pois, apesar de muito próximos, ele sempre foi muito reservado, do tipo que não consegue falar sobre suas questões com ninguém, nem comigo.

Os anos se passaram e, apesar das faltas e das brigas unilaterais com a namorada, formou-se dentro do prazo, coisa rara para os engenheiros. A família esteve presente em todos os eventos: colação de grau, jantar e baile de formatura. Parecia que estava tudo bem, meu irmão dançou, parecia feliz aos olhos de todos, mas eu sabia que não estava nada bem. Nessa época ele nadava mais do que nunca.

Não sei precisar com exatidão, mas por volta da meia-noite, em seu baile de formatura, foi quando o vi pela última vez. Mamãe, papai e eu chegamos da festa por volta das duas horas da manhã. Não o encontramos, mas imaginamos que deveria estar com os colegas em algum lugar. Estávamos alcoolizados e dormimos logo.

Na manhã seguinte, porém, acordei com os gritos da mãe: “O Sávio se foi! Ele se foi!”. O susto me fez pular da cama, jurava que meu irmão tinha se envolvido em algum acidente de carro, que tinha morrido, meu deus, a vida é um sopro, meu irmãozinho!, não pode ser... Mas, quando olhei para as mãos da minha mãe, ela segurava um bilhete dele, em que estava escrito: “Querida família, sei que um diploma é algo muito importante para vocês, como filho, acho que era o mínimo que eu poderia fazer, para não ser uma decepção completa. Vou embora desta casa e nunca mais voltarei. Não quero ser engenheiro e nem exercer qualquer profissão de alta classe. Quero viver de uma forma alternativa e errante. Estarei sempre no litoral, em contato com o mar, nadando. Não quero usar mais celular, portanto, espero que entendam a minha decisão. Adeus. Sinceramente, Sávio.”. Meus pais choraram muito, nunca

imaginariam uma coisa dessas.

Meus pais eram ótimos provedores, sem dúvidas, mas eram distantes, muito ocupados. Surpreenderam-se porque nunca se dedicaram tempo suficiente a nós, então não conseguiam ver a superficialidade e a fragilidade do sorriso de Sávio.

Eu, por outro lado, imaginava que a bomba explodiria em algum momento, ainda que não soubesse exatamente quando e como. Chorei com meus pais, senti-me traída e abandonada. Contudo, quando fui dormir naquele dia, deitei-me e coloquei a mão embaixo do travesseiro, encontrei uma carta dele. Na carta, Sávio, finalmente, abria-se para mim. E foi então que eu soube dos seus motivos.

Na carta ele esclarecia que, na piscina, suas lágrimas se misturavam com a água tratada e seus olhos vermelhos de choro eram confundidos com irritação devido ao cloro. Apenas lá, submerso, sentia-se acolhido, como em nenhum outro lugar. Como a piscina era aquecida, era como se retornasse para a barriga da mãe, um lugar seguro, morno, acolhedor e livre de julgamentos. Era bom, por isso sempre voltava. Infelizmente o efeito só durava enquanto estava ali, de molho. Quando saía, sentia-se retornando para a realidade da qual fazia tanto esforço para fugir.

Apesar de aparentemente perfeito, com boa aparência, acadêmico de universidade federal, que tirava boas notas, que tinha uma namorada bonita, carinhosa e inteligente, um carro zero quilômetro, morava em uma área nobre, em um apartamento confortável, meu irmão não se sentia realizado. E não imaginava que um dia seria, não naquelas circunstâncias, sendo parte da família Toledo. Cursava engenharia de alimentos, sem qualquer paixão. O que faria depois de se formar?

A mãe juíza e o pai cirurgião plástico. Como poderia manter-se no nível de tanto prestígio de seus genitores? Sentia-se sempre menos, sem valor, insuficiente. Não tinha grandes ambições na vida. Não pensava em fazer fortuna. Só queria manter o seu deleite de nadar, o resto era só consequência. O trabalho que fosse exercer não era relevante. Mas ninguém jamais entenderia essa forma de viver e de enxergar o mundo. Sávio não os culpava, achava que realmente

não fazia sentido para a maioria das pessoas, quiçá para os pais e para mim, que também segui na medicina, ou seja, eu era a menina dos olhos que manteria o nome e o prestígio da família Toledo!

Ao final da carta, Sávio disse que me amava muito e que, em muitas ocasiões, quis se abrir comigo, mas duvidou que eu o compreenderia. De fato, ele tinha razão, eu não o compreendi à época. Hoje já se passaram três anos. Ainda falo com Jéssica às vezes, ela também não o compreendia, mas, sem dúvida o amava. Vez por outra ele manda um cartão postal, com poucas palavras, diz que está bem e feliz e que espera que estejamos todos bem também, para não nos preocuparmos com ele. Sempre releio a carta que me escreveu e, nesta última vez, interpretei-a de forma diferente de antes. Finalmente aceitei sua partida e concluí que, mais importante do que compreender, é respeitar a decisão de quem amamos. E, pela primeira vez, depois de sua partida, dei um sorriso sincero.

Rayssa D. M. Cabral